



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13026 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

EDUCAÇÃO EM BIOLOGIA: ENREDANDO MIUDEZAS E POSSÍVEIS SAÍDAS INVENTIVAS COM GÊNEROS E SEXUALIDADES

Sandro Prado Santos - UFU - Universidade Federal de Uberlândia

EDUCAÇÃO EM BIOLOGIA: ENREDANDO MIUDEZAS E POSSÍVEIS SAÍDAS INVENTIVAS COM GÊNEROS E SEXUALIDADES

Resumo:

O presente texto, a partir de uma pesquisa de *Estágio Pós-Doutoral* em Educação (de abril/2020 a março/2021) tem como objetivos pensar nos exercícios educacionais *menores* que foram cartografados no encontro com gêneros, sexualidades e Livros Didáticos (LD) de Biologia e refletir as potencialidades deles aos territórios da Educação em Biologia. Acionamos a cartografia como um dos modos de operação investigativo para acompanhar os movimentos das linhas de desterritorialização, de enunciações coletivas e ramificações políticas sensíveis às complexidades, tensões dos debates de gênero e sexualidade nos contextos dos LD, mobilizando-nos o desejo de uma *educação em biologia menor*. Por meio do mapeamento e da visibilidade das *pequenas redes*, experimentamos os elementos que caracterizam e compõem a *educação em biologia menor*. Elas nos apontam pistas de subversão da cartografia única, aos gêneros e sexualidades, que é dada aos territórios da Educação em Biologia, criando possibilidades de: a) aprendermos os segredos que encarnam o miúdo; b) apequenar-se; c) praticar saídas inventivas; d) munirmos de repertórios guerreiros; e, e) afugentar o assombro.

Palavras-Chave: Cartografia, Educação em Biologia, Exercícios menores, Gêneros, Sexualidades.

Começando uma conversa, aprendendo os segredos que encarnam o miúdo

É sábio não subestimar aquilo que julgamos ser pequeno. Assombrados pela grandeza, desencantados pelos efeitos dessa obsessão, não aprendemos os segredos que encarnam o miúdo. Assim, para contrariar essa lógica, há de se apequenar, desviando da arrogância das formas que se julgam imensas. Apequenar-se [...] é no miúdo que se praticam as saídas inventivas (RUFINO, 2020, p. 180).

A escrita desse texto nos encontra com vontade de (d)enunciar, como em “*Miudeza da ancestralidade*” de Luiz Rufino, arrogâncias das formas que se julgam imensas e o julgamento das lógicas que contrariam a grandeza que subestimam gêneros, sexualidades e diferenças que desviam e contrariam a lógica da grandeza, encarnando e assombrando o ensino de Biologia com usos de uma *Educação Maior* (GALLO, 2016).

Mas o texto, também nos convida para a coragem de resistir (*apequenar-se*) e sentir forças que pratiquem saídas inventivas a abrir brechas, mesmo que pequenas, naquilo normatizado pelas gramáticas enfadonhas e obsessivas do desencanto aos gêneros, corpos, sexualidades e diferenças nos processos educativos, movimentos de *uma educação menor* (GALLO, 2016). Usos e movimentos que marcam uma lógica *ora* arrogada no julgamento, desencanto e nas formas *ora* trançada em repertórios de práticas miúdas que dão passagens para saídas com esperanças munidas de resistências e experimentações de outros mundos possíveis. Diante disso, evocamos novamente Luiz Rufino (2021) em “*Vence-demanda: educação e descolonização*” que nos alerta:

[...] assediados pelo olho grande e pela obsessão dos agentes contrários à vida, o que nos resta é nos munirmos de repertórios guerreiros. É possível afugentar o assombro [...] Sim, é possível. A aposta está na educação, que é aqui lida como força de batalha e cura (p. 6).

Propomos, então, a partir de uma pesquisa de *Estágio Pós-Doutoral* em Educação (de abril/2020 a março/2021) que buscou cartografar redes de conexões tecidas quando discussões de gêneros e sexualidades são colocadas em funcionamento nos Livros Didáticos (LD) de Biologia (PNLD/2018), apresentar aqui fragmentos da pesquisa realizada, objetivando pensar nos exercícios educacionais *menores* que foram cartografados no encontro com gêneros, sexualidades e LD de Biologia e refletir as potencialidades deles aos territórios da Educação em Biologia.

Os assombros e repertórios guerreiros com gêneros e sexualidades nos territórios da Educação em Biologia

Na Educação em Biologia, gêneros e sexualidades podem funcionar como operadores que organizam os modos de narrar e constituir práticas educativas, formativas, curriculares, pedagógicas e institucionalizadas, compondo um agenciamento territorial cartográfico em aliança com linhas de diferentes naturezas, ritmos e direções.

Nas territorialidades da Educação em Biologia, podemos encontrar investimentos em linhas que são usadas para regular, julgar, assediar, arrogar, subestimar e ordenar, constituindo-se como uma “[...] máquina de controle [...]”. (GALLO, 2016, p. 65). Com estas somos assombrados, desencantados, significados e limitados pelos seus usos *maiores* que se julgam grandes. No entanto, há também linhas que podem se desdobrar em práticas de um exercício de fazer afugentar, desviar ou fissurar a lógica totalitária de uso *maior* nos territórios da educação em biologia. As primeiras, instalam e constituem uma *educação em biologia maior*, já as superfícies de resistências e fugas fazem emergir exercícios de uma *educação em*

biologia menor.

Com isso, fomos compreendendo que a Educação em Biologia opera na coexistência: *ora* de superfícies de regulações; *ora* de resistências, enunciações coletivas, criações, aberturas, fugas e conexões. As linhas que se apequenam e atuam na possibilidade de insurgências de redes perspectivadas de *uma educação menor* vamos denominá-las de *pequenas redes*. Estas são implicadas num processo de *devir* com os LD de Biologia (que produzem e são produzidos por redes): fazem rizomas (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Elas podem criar possibilidades ético-estético-políticas que nos provocam um “*apequenar-se*” com práticas de saídas inventivas, repertórios guerreiros que afugentam o assombro e nos convocam desterritorializações, ramificações políticas e agenciamentos coletivos (DELEUZE; GUATTARI, 2015).

As linhas da pesquisa num funcionamento cartográfico entre a Educação em Biologia e os LD

Compreendemos que os LD de Biologia são tempos e espaços de diferentes datas e velocidades, tecidos por uma multiplicidade de linhas entrecruzadas, compondo cartografias. Nesse sentido, acionamos a cartografia como um dos modos de operação com nossa investigação (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Tecer e desenredar linhas de paisagens territoriais são funcionamentos da cartografia.

Neste texto, apresentamos apenas fragmentos de pesquisa de três LD de Biologia aprovados no Plano Nacional do Livro Didático - PNLD/2018 (BRASIL, 2017) que estarão identificados nas análises. Ocupamos por meio de leituras e análises do material, o mapeamento das linhas de investidura em regulações e normatizações com centros de significância dos usos que se julgam *maiores*, mas sobretudo da operação que compõe com usos *menores* pelos quais podem fazer passar alguma coisa que escapa e fratura aos assombros, desencantos e arrogância das formas, as *pequenas redes*.

Desterritorializações, ramificações políticas e agenciamentos coletivos entre Gêneros, sexualidades e Educação em Biologia

Encontramos redes que borraram a coerência instituída aos sexos, gêneros e sexualidades nos territórios da educação em biologia; há aberturas e passagens de fissuras à objetividade especular do gênero aos genitais e cromossomos; e estilhaços da semântica do dimorfismo sexual.

O que encontramos, como *pequenas redes*, pode ser considerado um tipo de resistência à captura do sexo, do gênero e das orientações sexuais como essências ou determinismos biológicos, abrindo passagens à experimentação dos sexos, gêneros e sexualidades como possibilidades outras e multiplicidades (versões *menores*).

Na perspectiva das conexões e ramificações rizomáticas as *pequenas redes* podem ser tomadas como espaços privilegiados de esforços micropolíticos na experimentação cotidiana

nas/com as microrrelações realizadas nos acontecimentos de sala de aula, em que “as fugas sempre acontecem e o estriamento nunca consegue ser total e absoluto” (GALLO, 2007, p. 29).

Nesse sentido, as redes (mesmo que *pequenas*) tecem uma prática política do currículo da biologia escolar – como um elemento que re-organiza, provoca ruídos e re-pensa as escolhas e as disputas curriculares no que se refere aos recursos didáticos, as formas de expressões, conteúdos e recortes das discussões de corpos, gêneros e sexualidades, e, nos mostram que há elementos nos LD de Biologia que podemos nos conectar e se aliar as suas ramificações que nos põem a pensar e ensinar corpos, gêneros e sexualidades que deslocam as narrativas da *educação em biologia maior*.

A ramificação política-natureza rizomática das *pequenas redes* nos LD de biologia potencializa a visibilidade de outras riquezas (multiplicidades) e novos agenciamentos coletivos que estavam ali re-existindo, minorizados e invisibilizados nos territórios. Nelas há um valor coletivo que recupera e possibilita uma heterogeneidade de vozes.

Os LD de Biologia deixam explícitos que possuem suas *pequenas redes* com uma heterogeneidade e multiplicidade de vozes que as ocupam, e, elas são não simplesmente pequenas, mas *menores*. Tanto pelo campo de discussões a que se destinam quanto pelas alianças marginais, encontros e escutas de autores/as, formando um coletivo *menor*. Nesse sentido, propor-se abordar gêneros e sexualidades nos territórios da Educação em Biologia não se limita a uma incursão individual a partir desses campos teóricos.

Nas *pequenas redes* tecidas nos LD “*Biologia Hoje*” (LINHARES; GEWANDSZNAJDER e PACCA, 2016) e “*Bio*” (LOPES; ROSSO, 2016) temos a ampliação da multiplicidade de vozes. Destacamos alianças com Simone de Beauvoir (FAVARETTO, 2016, v.3) e produções de pessoas trans (FAVARETTO, 2016, v.2). Redes que passam a tecer, nos territórios da educação em biologia, possibilidades de novos agenciamentos coletivos com: *A história da Sexualidade: a vontade de saber* de Michel Foucault; *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* de Guacira Lopes Louro; *O que é a transexualidade* de Berenice Bento; *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, produção de Judith Butler; *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud* de Thomas Laqueur; e, “*A construção das identidades homossexuais na escola*” de Anderson Ferrari.

Nesse sentido, as *pequenas redes* falam por toda a coletividade. Elas não correspondem a um ato solitário do LD de Biologia ou do/a professor/a, mas exercícios de feitura de multiplicidades envolvidas em um projeto que é coletivo.

Como podemos perceber, as *pequenas redes* nos LD de Biologia intencionam em investir, coletivamente, em pistas e sussurros de possibilidades de travessias e de fugas aos territórios de uma *educação em biologia maior* que coloniza os corpos, gêneros, sexos e sexualidades com cada vez maior intensidade, deixando suas marcas tecidas por *menores* que elas sejam.

Nessa articulação, as *pequenas redes* tecem a possibilidade de emergências de outras expressões (de gênero e de sexualidade) e de sujeitos/vivências invisíveis e silenciados que, ao insurgirem, recuperam os modos em que homossexuais, mulheres, bissexuais, pessoas *trans* e intersexuais possam se ver pertencendo às salas de aulas de Biologia. Com elas, somos surpreendidos pela emergência de aberturas às conexões múltiplas; percepções de linhas singulares, transversais; possibilidades de fissuras e uma série de variações que atravessam a educação em biologia.

O LD de Biologia por mais que apresente avanços em suas narrativas, tende à normatização, à repetição, à regulação e ao controle. Por isso a *educação em biologia maior* quando se propõe a incorporar e visibilizar as discussões de gêneros e sexualidades no limiar de suas fronteiras, concorre majoritariamente para uma interdição de qualquer possibilidade de diferenças, resistências e/ou criações. Como já dizia Deleuze (2010), o *maior* também é marcado por linhas de variação contínua, quer dizer, por usos *menores*.

Tal movimento é mais um indício de que a *educação em biologia menor* é feita nas margens, nas beiradas, mas também no meio e que não se faz sozinho e sim num coletivo que tem resistência (pequenas coletividades). Isso foi o que sentimos nos momentos de vivências com as *pequenas redes* nos LD, assim “é nisso que essas pequenas práticas, menor por sua marginalidade, e gigantesca por sua capacidade de provocar deslocamentos, ganham importância [...]” (PRADO-NETO, 2013, p. 79), nos convocando para uma permanente luta no jogo das possibilidades.

Conclu...indo: para agenciar... e munir... e aprender... e criar saídas... com pequenas redes

Consideramos que esse processo provoca a Educação em Biologia entrar num *aquecer-se*, num *devir-menor* e com isso aprender os segredos dos exercícios e práticas que encarnam o miúdo “[...] não como novo modelo a ser instituído [...]” (GALLO, 2015, p. 86), mas o menor e o miúdo como experimentação, invenção de linhas que afugentam o assombro “*desviando da arrogância das formas que se julgam imensas*”, como prática de resistência, apostando na possibilidade de criação de saídas inventivas e munção de repertórios guerreiros contra os assédios do olho grande e da obsessão dos agentes contrários à vida.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD 2018**: biologia – guia de livros didáticos – Ensino Médio/Ministério da Educação – Secretaria de Educação Básica – SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2017.

DELEUZE, G. Um manifesto de menos. In: DELEUZE, G. **Sobre teatro**: um manifesto de menos; o esgotado. Tradução Fátima Saadi, Ovídio de Abreu, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2010, p. 25-64.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Introdução: Rizoma. In: DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs**, v.1. Tradução de A. L. O, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora

34. 2011, p. 17-50.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**: por uma literatura menor. Tradução Cíntia Vieira da Silva. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

FAVARETTO, José Arnaldo. **Biologia**: Unidade e diversidade. 1.ed. São Paulo: FTD, 2016.

GALLO, Silvio. Acontecimento e resistência: educação menor no cotidiano da escola. In.: CAMARGO, Ana Maria Faccioli de.; MARIGUELA, Márcio. (Orgs.). **Cotidiano escolar**: emergência e invenção. Piracicaba: Jacintha Editores, 2007, p. 21-39.

GALLO, S. La production des hétérotopies à l'école: souci de soi et subjectivation. **Le Télémaque**, n.47, mai./2015, p. 87-96.

GALLO, S. **Deleuze & a Educação**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

LINHARES, Sérgio.; GEWANDSZNAJDER, Fernando.; PACCA, Helena. **Biologia Hoje**. 3v. 3.ed. São Paulo: Ática, 2016

LOPES, Sônia.; ROSSO, Sérgio. **Bio**. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2016. v.3.

PRADO-NETO, Manuel. **Desterritorializações Docentes**: casos de uma educação menor. 2013. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Tiradentes, Aracaju, 2013.

RUFINO, L. Miudeza da ancestralidade. In: SIMAS, L. A; RUFINO, L; HADDOCK-LOBO, R. **Arruaças**: uma filosofia popular brasileira. 1.ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 180-182.

RUFINO, L. **Vence-demanda**: educação e descolonização. 1.ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.